

O *Boletim de Ariel* e sua abrangência no cenário literário e cultural brasileiro na década de 1930

Andressa Marzani¹

Resumo

Este artigo se propõe a refletir sobre a importância da publicação *Boletim de Ariel*, da Editora Ariel, sediada no Rio de Janeiro, para o cenário cultural brasileiro. A revista era publicada mensalmente e trazia textos sobre literatura, artes e cultura em geral, apresentando lançamentos de livros, crítica literária, e até mesmo debates sobre política e religião. Conseguiu atrair escritores de diferentes estilos e vertentes, caracterizando-se como uma publicação heterogênea, que contou com a colaboração de diferentes autores, com opiniões e visões de mundo diversas. Nesse sentido, tentou-se demonstrar como a revista esteve inserida em importantes debates do período, que ultrapassavam as barreiras culturais, refletindo sobre a importância dos periódicos, a produção cultural modernista como um todo e sua relação com as discussões políticas e sociais da época.

Palavras-chave: Boletim de Ariel; Editora Ariel; Literatura brasileira do século XX; Modernismo no Rio de Janeiro; Revistas literárias.

1. Introdução

No início da década de 1930, Gastão Cruls funda a Ariel Editora Ltda., juntamente com seu sócio Agripino Grieco. Em outubro de 1931, a editora passa a publicar o *Boletim de Ariel*: Mensário crítico-bibliográfico de Letras, Artes e Ciências, de dimensões fixas (21,5x27,5 cm), e média de 30 páginas. Enquanto Agripino Grieco se ocupava da direção do periódico, a Cruls cabia a função de redator-chefe.

Gastão Cruls foi um escritor carioca (1888-1959). Formado em Medicina em 1910, chegou a atuar como médico sanitarista durante essa mesma década, mas acabou abandonando a profissão por conta de seu envolvimento com a literatura. Publicou diversas obras, entre livros de contos, romances, estudos históricos e diários de viagem. Sua publicação mais conhecida é *A Amazônia misteriosa* (1925). Atuou também como editor, tradutor e Chefe da Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo da Prefeitura do Distrito Federal.

Por sua vez, Agripino Grieco foi um escritor, crítico literário e ensaísta carioca (1888-1973). Vindo do interior do estado do Rio de Janeiro, exerceu diferentes atividades, como telegrafista da Central do Brasil e funcionário do Ministério da Aviação. Colaborou em diversos jornais, como *O Jornal*, *Revista ABC* e *Hoje*. No início de sua carreira, publicou

¹ Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora da Educação Básica dos Componentes Curriculares de História e Ensino Religioso da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, atuando desde 2019 no âmbito da educação escolar indígena. E-mail: andressamarzani@gmail.com.

alguns livros de poesia, atividade que deixaria de lado em prol da crítica literária, se tornando então um dos críticos mais conhecidos do Brasil.

Seguindo as pistas da edição de abril de 1932 do mensário, observamos que o nome da editora fazia referência ao personagem de Shakespeare em *Tempestade*, “um espírito benéfico do ar, ‘ligeiro, gracioso e humano’”, que convocado por Prospero “se declara disposto a tudo para contentar o mestre, a nadar, a voar, a mergulhar no fogo e a cavalgar as nuvens tempestuosas, a servir-o, em summa, com todos os seus talentos”². A escolha do gênio alado foi, portanto, no sentido de representar uma editora (e um boletim) destinados a “espalhar, a semear nomes de autores e de livros”³.

Como não possuía livraria própria, o *Boletim de Ariel* servia como um meio de divulgação de seu catálogo e lançamentos. Como aponta Tania Regina de Luca (2017), esse acúmulo ou mescla de funções entre livreiro e editor era uma prática comum desde meados do século XIX, dadas as particularidades do ainda incipiente mercado editorial no país, e durou muito tempo. Por sua vez, o *Boletim* acabou por ser uma das fontes de renda para a editora Ariel, atingindo uma tiragem de aproximadamente três mil exemplares.

Para Tania de Luca, essa cifra é modesta, se comparada com os índices de 10.000 exemplares alcançados na década de 1920 pela revista *Mundo Literário* (1922-1926), da Livraria e Editora Leite Ribeiro, posteriormente Freitas Bastos (2017, p. 8). Contudo, a mesma autora levanta a possibilidade de que essa tiragem de 10 mil exemplares fosse em parte direcionada para distribuição gratuita aos frequentadores da livraria da editora (*ibid.*, p. 5). De todo modo, o *Boletim de Ariel* acabou por tornar-se parte importante da renda da empresa, contribuindo ainda para fomentar a venda de seus livros. De vida longa, foi publicada praticamente durante toda a década, entre 1931 e 1939. E, de acordo com Laurence Hallewell, foi a “revista literária mais importante da época” (HALLEWELL, 1985, p. 345).

2. Atraindo escritores

A própria Editora Ariel foi adquirindo importância, conseguindo mesmo angariar vários escritores que publicavam por suas concorrentes – caso da Livraria Schmidt Editora, criada por Augusto Frederico Schmidt. A Ariel possuía um catálogo variado, entre obras estrangeiras traduzidas, livros jurídicos e outras com temática não literária; contudo, dedicou boa parte de seu trabalho à literatura, em especial aos autores brasileiros. As capas de seus livros eram belas e chamativas, e apresentavam cores fortes e desenhos atraentes, em sua

² GRIECO, Agripino. Ariel. *Boletim de Ariel*, n. 7, abril de 1932, p. 14. Todos os exemplares aqui citados foram consultados no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, na cidade do Rio de Janeiro.

³ *Loc. cit.*

maioria criadas pelo artista paraibano Tomás Santa Rosa Junior (1909-1956). Santa Rosa ilustrou também obras da Schmidt e da José Olympio, além de ter trabalhado com Portinari na confecção de murais, e atuado em diversas outras atividades culturais (LUCA, 2006, n. p.).

Para se ter uma ideia da notoriedade da editora, Jorge Amado, um dos escritores que havia migrado da Schmidt, publicou pela Ariel seu segundo romance, *Cacau* (1933), em uma edição de 3.000 exemplares. Essa obra chegou a ser apreendida pela polícia no Rio de Janeiro. Contudo, uma campanha n’*O Globo*, acrescida de um pedido feito pessoalmente ao então Ministro da Justiça, Oswaldo Aranha, por meio de Cláudio Ganns – amigo dos editores e do ministro –, possibilitou a revogação da medida.

Além de Jorge Amado, faziam parte do catálogo da Ariel nomes como José Maria Bello, Gilberto Amado – um dos responsáveis por introduzir o então médico Gastão Cruls nos círculos literários do Rio (MENEZES, 1969, p. 411-412) –, Raul Bopp, Murilo Mendes, Octavio de Faria, Odilon Nestor, Lucia Miguel-Pereira, Cornélio Penna, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Marques Rebelo; além dos próprios sócios. Afora isso, a editora também publicou obras não literárias de importância em sua época, como o *Atlas Celeste* de Louis Cruls (pai de Gastão Cruls), livro não superado em sua área até por volta da década de 1970.

3. A efervescência cultural das primeiras décadas do século XX

Tania de Luca avança a possibilidade de ter sido Agripino Grieco o idealizador do *Boletim de Ariel*, por conta de sua experiência anterior como colaborador e secretário da revista *Mundo Literário* (2006, n. p.). Segundo José Geraldo Vieira, o *Mundo Literário* ajudou a modificar o cenário literário carioca, conseguindo publicar textos inéditos, fato até então só alcançado pelos periódicos *Fon-Fon*, *A Careta* e *Revista da Semana* (VIEIRA *apud* CHAVES, 1982, p. 169). De fato, essas revistas de veia humorística detiveram grande importância no período, caracterizando a emergência do modernismo no Rio de Janeiro, como discute a obra de Monica Pimenta Velloso (1996). Pode-se mesmo afirmar que houve uma verdadeira “Geração *Fon-Fon*”, cuja influência no cenário cultural nacional se estendeu para além do término da revista, cobrindo quase toda a década de 1930 (GOMES, 1993, p. 85).

A propósito de *Mundo Literário*, a bibliografia consultada indica muitas características em comum com o *Boletim de Ariel*. Ambos são exemplos de periódicos voltados para a literatura, que foram viabilizados por editoras. Uma questão levantada nessa bibliografia é que a Editora Leite Ribeiro percebeu que havia uma fatia do mercado ainda a ser alcançada – a de publicações brasileiras, visto que a Garniere e a Alves há muito não publicavam títulos nacionais, e a José Olympio ainda não havia aparecido. Nesse sentido, podemos pensar que as

editoras Schmidt e mesmo a Ariel surgem, na década de 1930, também voltadas para esse potencial mercado.

Esses periódicos publicados por editoras, juntamente com as páginas de letras de jornais como *O Globo*, *Diário de Notícias* e *A Manhã*, contribuíram para a divulgação de diversos autores. Especialmente porque abriram ecleticamente seu espaço aos novos, mais do que as revistas com propostas estéticas específicas (como as modernistas *Klaxon* ou *Estética*, da década de 1920), ou aquelas com contornos ideológicos/políticos mais definidos (como a católica *A Ordem*, a integralista *Anauê!*, ambas contemporâneas do *Boletim*; ou a revista *Cultura Política*, publicação oficial do governo Vargas, já da década de 1940). Agripino Grieco, em entrevista a Homero Senna (1968), chega a afirmar ter sido o primeiro a elogiar Raul de Leôni, bem como a reconhecer a importância de Lima Barreto para a literatura brasileira.

Destarte, o *Mundo Literário* e *Boletim de Ariel* acabaram também por ter uma visibilidade maior do que as revistas especializadas, que ficariam restritas a um grupo pequeno de leitores. Heterogeneidade e pluralidade podem defini-las. O mercado livreiro começava a se expandir por essa época, tornando a competição mais acirrada. Outras editoras também se utilizariam desta via para promover seus livros, caso da *Revista do Globo* (de editora homônima), sediada em Porto Alegre/RS e lançada em 1929.

O fato de ser publicada por uma editora não implicava necessariamente em delimitação ou interferência nas revistas. A julgar pela entrevista de José G. Vieira, a Editora Leite Ribeiro não interferiu em nada o trabalho no *Mundo Literário*. Tampouco houve alguma orientação para um movimento polêmico, ou alguma ocorrência em que os colaboradores ou leitores se servissem do periódico para fins políticos; parece que mesmo seus organizadores (Grieco, Théo-Filho e Pereira da Silva) nem chegaram posteriormente a se definir como esquerda ou direita. Não era, portanto, uma revista com um ponto de vista estético ou político unívoco (VIEIRA *apud* CHAVES, 1982, p. 170).

Nesse sentido,

[...] o fato de ser um impresso periódico que deveria ser *adquirido* pelo público potencialmente interessado nos produtos e ações de uma editora e seus responsáveis, tendia a contribuir para o esmaecer do tom polêmico e da capacidade de agregar indivíduos em função do compartilhar de posições estéticas e políticas, ainda mais porque quanto maior a força econômica e/ou simbólica do empreendimento-mecenas, maior a preocupação de preservar a imagem da marca frente ao público, o que contribui para a predominância de um ecletismo bem comportado, que não ferisse suscetibilidades do gosto médio. (LUCA, 2006, n. p.)

Essa tendência de ser um espaço aberto a novidades já aparece na fala do número de abertura da revista, de outubro de 1931. Nela, Gastão Cruls relembra seus tempos de médico da Assistência Municipal, quando, nas horas vagas, ele e seus colegas se reuniam para comentar as novidades literárias, discutir autores e obras e mesmo apresentar resumos de romances, novelas e contos. Já o *Boletim* iria se diferir por suas intenções e alcance:

Na Assistencia, contavam historias e resumiam novelas alguns medicos de boa vontade, mas, pelo menos até aquella data, sem nenhuma projecção além do circulo de amigos. Aqui, se tambem prepondera o mesmo espirito do escorço rapido e da nota desprerenciosa acerca do que mais interessante e significativo acorrer no mundo das lettras, das sciencias e das artes, tanto no Brasil como no estrangeiro, tudo se valorizará pelo nome de seus signatarios, sempre collaboradores de realce, escolhidos entre o que de melhor houver nas nossas elites intellectuaes.⁴

Esse texto já aponta também para a intenção da revista de circular entre os meios intelectuais. De fato, a publicação acabou por virar referência em termos de crítica literária – e contava com conhecida língua afiada de Agripino Grieco. Observando o material epistolar de Graciliano Ramos, Tania Regina de Luca encontrou comentários do escritor sobre a revista, lamentando com sua esposa a ausência de notas sobre seu romance *São Bernardo* (LUCA, 2017, p. 9). Estes e outros dados indicam que escritores importantes do período, como Graciliano, não só assinavam como aguardavam com interesse resenhas e textos sobre suas obras na publicação. Por outro lado, a redação da editora, sediada na Rua Senador Dantas, n. 40, no 5º andar, acabou por se tornar ponto de reunião de intelectuais e escritores, de acordo com o próprio Grieco⁵ (SENNA, 1968, p. 49).

4. Pluralidade de debates e tendências

Esse tom gregário reflete, ao mesmo tempo, na colaboração de intelectuais de diferentes vertentes e correntes estéticas nas revistas. Agripino Grieco fazia um esforço para encontrar os colaboradores do *Mundo Literário* em sua peregrinação pelos cafés e livrarias (como a *Schetinno*, a *Garniere* a *Briguiett*). Na definição de José Geraldo Vieira, o *Mundo Literário* era um periódico de “pluri-colaboração”, que não implicava em uma “ala de tendência política ou estética” específica (*apud* CHAVES, 1982, p. 168-169). No caso da Ariel, muitos de seus colaboradores eram também autores publicados pela editora. Outras vezes, nomes de editoras concorrentes apareciam, como Augusto Frederico Schmidt.

⁴ CRULS, Gastão. Conversa fiada... *Boletim de Ariel*, n. 1, outubro de 1931, p. 1.

⁵ No mesmo compilado de entrevistas feitas por Homero Senna há uma com Gastão Cruls, que curiosamente pouco menciona sua experiência como editor do *Boletim de Ariel*. Cf.: SENNA, H. Medicina e literatura. In: _____. *República das letras*. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1968. p. 215-229.

De fato, como apontado por Luca, o *Boletim de Ariel* apresentava um “tom de inventário”, cuja intenção era registrar, da maneira mais ampla possível, a movimentação cultural brasileira, seja notificando o aparecimento de novas revistas e de obras recém-lançadas, no Brasil e no exterior, seja resenhando textos literários, ou comentando as últimas tendências.

Em âmbito nacional, foram saudados periódicos tão diversos como *A Ordem*, *Hierarquia*, *Literatura*, *Rumo*, *Rio-Magazine*, *Revista Acadêmica*, *Revista da Escola Militar*, *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, *Revista do Globo*, *Vanitas*, *Idea*; *Festa*; *Revista Brasileira*, *Panorama*, entre várias outras” (LUCA, 2006, n. p.).

Além da produção literária, notas sobre falecimentos de escritores, excertos de capítulos⁶, textos sobre premiações literárias, curiosidades, pintura, música e cinema complementavam o painel. A partir do quinto ano do *Boletim*, essas sessões para outras áreas (teatro, música, artes plásticas, cinema, rádio e discos) seriam fixas.

Percorrendo quase toda a década de 1930 e, portanto, inserido em um contexto de convulsões políticas e sociais, o *Boletim de Ariel* acabou por abrigar diferentes discussões. Reflexões sobre os rumos políticos no país, a crescente polarização ideológica entre esquerda e direita, as questões sociais no Brasil, os debates sobre a identidade nacional, bem como a função social do intelectual e da literatura são alguns dos temas que podem ser apreendidos de suas páginas. De acordo com Antonio Candido, as grandes expressões de pensamento e de sensibilidade no Brasil assumiram formas literárias, pelo menos até meados do século XX, caracterizando a literatura como “o fenômeno central da vida do espírito” em nosso país (2006, p. 136). Nesse sentido, Candido afirma que

[...] a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros. Pois ela foi menos um empecilho à formação do espírito científico e técnico (sem condições para desenvolver-se) do que um paliativo à sua fraqueza. Basta refletir sobre o papel importantíssimo do romance oitocentista como exploração e revelação do Brasil aos brasileiros. (*ibid.*, p. 138-139).

Assim sendo, a publicação da Editora Ariel, voltada sobretudo para a literatura, e detentora de grande importância no período, traduz-se em fonte privilegiada para acompanhar esses debates e expressões. Suas características de heterogeneidade, ecletismo e “pluri-colaboração” possibilitavam que suas páginas abrigassem importantes discussões do período, como as sobre raça e identidade nacional.

⁶ Ver, por exemplo, um trecho de *Jubiabá*, de Jorge Amado – autor publicado pela editora –, na edição de maio de 1935, então no prelo.

Um dos exemplos é a análise de Jorge Amado sobre os poemas negros de Raul Bopp (chamada de uma “poesia com sentimento negro”). No texto, foram ressaltadas a importância da participação da raça negra em nossa formação étnica, e a necessidade de valorização das características afrobrasileiras de nossa cultura⁷. Por sua vez, a mesma revista apresentou vários textos de Alberto Ramos abordando o “problema da raça” e sua relação com a unidade nacional, em que o autor cita Spencer, fala sobre degenerescência e faz o elogio da eugenia⁸.

Do mesmo modo, a emergência de uma intelectualidade católica nos debates, com influência considerável no mundo da cultura – em especial na produção literária – não escapava das páginas da publicação, em diversos matizes. Sobre a relação entre catolicismo e política, e a intolerância de alguns líderes católicos, alfinetava Gilberto Amado:

O catholicismo no Brasil, que era a religião de todos nós, a religião de paiz de sol, religião de mãe de família, de carinho, de casa grande, de altares imensos e festivos, religião em que todo o mundo se sentia bem e á qual com mais ou menos ardor pertenciam todos os brasileiros com raras excepções e para cujos symbolos se voltavam todos os lados de vez em quando na vida e sempre á hora da morte, o catholicismo assume agora attitude militante e agressiva no terreno das idéas. Não satisfeito de dominar a sociedade, deseja dominar o pensamento. Exige dos brasileiros adhesão entusiasta. Qualquer divergencia ou distracção, mesmo sobre detalhe, é combatida sem piedade.⁹

Outro texto, esse de Samuel Putnam, professor da Universidade de Oklahoma (EUA), indicava as tendências autoritárias desse movimento católico: “[...] existe um evidente movimento tendente a um forte nacionalismo catholico, que pode ás vezes vestir o aspecto de fascismo, e outras vezes o de ‘centro’.”¹⁰. Por outro lado, o *Boletim* também trazia textos como o elogio ao intelectual católico Jackson de Figueiredo, destacando sua influência no cenário cultural do país¹¹.

Esses debates intelectuais e políticos da década de 1930 se traduziriam na literatura por uma polarização ideológica cada vez mais acentuada. De fato, uma das preocupações constantes que transpareciam na publicação eram os rumos que os debates estéticos estavam tomando, a importância crescente da chamada literatura social ou tendência social da literatura, bem como temas correlatos, como a suposta decadência da literatura brasileira –

⁷AMADO, Jorge. Raul Bopp, macumbeiro. *Boletim de Ariel*, ano II, n. 2, novembro de 1932, p. 73.

⁸ Ver, por exemplo: RAMOS, Alberto. As raças e a unidade nacional. *Boletim de Ariel*, ano V, n. 1, outubro de 1935, p. 7; e RAMOS, Alberto. Ainda o problema da raça. *Boletim de Ariel*, ano V, n. 3, dezembro de 1935, p. 59.

⁹AMADO, Gilberto. A crise da livre critica no Brasil. *Boletim de Ariel*, n. 4, janeiro de 1932, p. 1.

¹⁰ PUTNAM, Samuel. Literatura brasileira. *Boletim de Ariel*, ano VI, n. 3, dezembro de 1936, p. 74-75.

¹¹ Ver, por exemplo: SCHMIDT, Augusto Frederico. Depoimento sobre Jackson de Figueiredo (trechos de uma conferência). *Boletim de Ariel*, n. 3, dezembro de 1938, p. 56-57.

tema de divergência entre os diversos colaboradores – ou a criação de um romance tipicamente brasileiro.

Essas discussões, acrescidas das resenhas críticas de livros, divulgação de novidades e, a partir de meados de 1934, um espaço exclusivo para a produção literária propriamente dita, possibilitaram com que o *Boletim* tivesse uma grande circulação, sobretudo entre os meios intelectuais. Sua duração pode ser entendida a partir do relativo sucesso da própria editora Ariel, mas também devido ao auxílio dado pela divulgação de propagandas nos espaços vagos de suas páginas. Com o passar do tempo, estas propagandas foram se avolumando e se diversificando, chegando inclusive a abarcar livros de diferentes editoras.

Em 1939, contudo, a editora fecharia as portas, e seu acervo seria adquirido pela Civilização Brasileira. Com ela, a publicação do *Boletim de Ariel* chegaria ao fim. O problema estaria relacionado com a mudança da José Olympio de São Paulo para o Rio de Janeiro, por volta de 1934 – a concorrência de uma editora forte e estável no mercado, como a José Olympio, teria sido decisiva nesse processo. Sinal dos novos tempos, esta última acabaria posteriormente publicando as obras escritas por Agripino Grieco e Gastão Cruis.

5. À guisa de conclusão

Cumprindo seu papel de ser um mensário que forneceria um quadro geral da produção intelectual e do mercado editorial de seu tempo, o *Boletim de Ariel* pode ser caracterizado como uma publicação heterogênea, que contava com a colaboração de diferentes autores, apresentando diversas opiniões e visões de mundo. Portanto, um material rico, que pode indicar os rumos de debates importantes do período, caracterizados sobretudo por uma preocupação com a formação da nacionalidade em seus diversos aspectos – sociais, étnicos, políticos –, e na qual a literatura ganhou um lugar privilegiado.

Como bem apontou Tania de Luca,

o estudo do complexo mundo da edição de livros e periódicos tem evidenciado a importância dos editores e de seus catálogos, das livrarias e das redações, agregadoras de indivíduos que partilhavam projetos estéticos, políticos e proposta sobre o presente e o futuro. (2017, p. 2)

Nesse sentido, abre-se um leque de inúmeras possibilidades de estudos a partir das páginas da revista, por sua heterogeneidade de temas e abordagens e diversidade de autores colaboradores. Tentamos nesse texto apresentar alguns aspectos mais gerais do periódico, o que longe de esgotar as possibilidades, faz mostrar a importância do *Boletim de Ariel* em seu tempo, como uma das revistas literárias mais importantes de sua época, e como fonte

privilegiada sobre a produção literária brasileira e os debates intelectuais e mesmo políticos do início do século XX no país.

Referências

- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9ª ed. revisada pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. (Obra Completa)
- CHAVES, E. M. Entrevistas relativas a *O Mundo Literário*. *Revista Inst. Est. Bras.* (24), p. 165-176, 1982. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/viewFile/69714/72372>>. Acesso: 02.01.2021. (Artigo em Periódico Físico Digitalizado)
- GOMES, A. C. Essa gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-77, 1993. (Artigo em Periódico Físico)
- LUCA, T. R. Periódicos lançados por editoras: o caso do Boletim de Ariel (1931-1939). *História (São Paulo)*, v. 36, e. 32, 2017. p. 1-18. ISSN 1980-4369. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/pdf/his/v36/1980-4369-his-36-e32.pdf>> Acesso em: 07.jan.2021. (Artigo em Periódico Digital)
- _____. Editoras e publicações periódicas: o caso do *Boletim de Ariel*. *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom. Disponível em:
<<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ORDEM%20ALFAB%20C9TICA/Tania%20Regina%20de%20Luca.pdf>>. Acesso: 15.fev.2017. (Trabalho em Anais de Congresso)
- MENEZES, R. Verbetes “Gastão Luís Cruls”. In: _____. *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. Vol. II. São Paulo: Edição Saraiva, 1969. p. 411-412. (Verbetes)
- SENNA, H. Volta ao “Heroísmo”. In: _____. *República das letras*. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1968. p.31-50. (Capítulo de Livro)
- VELLOSO, M. P. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. (Obra Completa)

El Boletim de Ariel y su alcance en el panorama literario y cultural brasileño de los años treinta

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la importancia de la publicación *Boletim de Ariel*, de Editora Ariel, con sede en Rio de Janeiro, para el panorama cultural brasileño. La revista se publicaba mensualmente e incluía textos sobre literatura, arte y cultura en general, presentando lanzamientos de libros, crítica literaria e incluso debates sobre política y religión. Logró atraer a escritores de diferentes estilos y vertientes, caracterizada por ser una publicación heterogénea, que contó con la colaboración de diferentes autores, con diferentes opiniones y visiones del mundo. En este sentido, se intentó demostrar cómo la revista se insertó en importantes debates de la época, que trascendieron las barreras culturales, reflexionando sobre la importancia de los periodicos, la producción cultural modernista como un todo y su relación con las discusiones políticas y sociales de su tiempo.

Palabras clave: Boletim de Ariel; Editora Ariel; Literatura brasileña del siglo XX; Modernismo en Rio de Janeiro; Revistas literarias.

Le Boletim de Ariel et leur portée au milieu littéraire et culturelle brésilien dans les années 1930

Résumé

Cet article se propose à réfléchir sur l'importance de la publication de la Lettre d'Ariel, par la Maison d'édition Ariel, basée à Rio de Janeiro, pour le milieu culturel brésilien. La revue était publiée mensuellement et portait des textes sur littérature, arts et culture en général, présentait des livres, critique littéraire, et quand même débats sur politique et religion. Elle a attiré des écrivains de différents styles et volets, se caractérisant comme une publication hétérogène, qui a eu la collaboration de différentes autorités, avec des opinions et visions du monde diversifiées. Dans ce sens, on s'est occupé de démontrer comment la revue a eu inséré en importants débats du période, qu'ont été dépassées les barrières culturelles. On a réfléchi à la pertinence des périodiques, la production culturelle moderniste dans son ensemble et sa relation avec les discussions politique et sociale de cette époque-là.

Mots-clés: Boletim de Ariel; Maison d'édition Ariel; Littérature brésilienne du XX siècle; Modernisme à Rio de Janeiro, revues littéraires.

Boletim de Ariel and its scope in Brazilian literary and cultural scene of the 1930's

Abstract

This article aims to reflect on the importance of the publication *Boletim de Ariel*, by Editora Ariel, based in Rio de Janeiro, in the Brazilian cultural scene. The magazine was published monthly and included texts about literature, arts and culture in general, presenting book releases, book review, and even debates on politics and religion. It managed to attract writers of different styles and strands, characterized as a heterogeneous publication, which had the collaboration of different authors, with different opinions and world views. In this sense, we tried to demonstrate how the magazine was inserted in important debates of the period, which went beyond cultural barriers, reflecting on the importance of magazines, modernist cultural production as a whole and its relationship with the political and social discussions of the time.

Keywords: Boletim de Ariel; Ariel publishing house; Brazilian literature of 20th century; Modernism in Rio de Janeiro; Literary magazines.